



## **O COTIDIANO DOS TRABALHADORES DA VILA DO IGUÁ EM VITÓRIA DA CONQUISTA E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO: UMA ANÁLISE DA MOBILIDADE DO TRABALHO**

Iara Silva Aguiar  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
[Iara-aguiar@hotmail.com](mailto:Iara-aguiar@hotmail.com)

Ana Emília de Quadros Ferraz  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
[milaferaz@gmail.com](mailto:milaferaz@gmail.com)

### **RESUMO**

Este artigo busca analisar o cotidiano dos trabalhadores da Vila do Iguá, em Vitória da Conquista, e a produção do espaço geográfico, tendo como base a mobilidade do trabalhador. O cotidiano é uma ferramenta importante, que permitiu a compreensão da produção do espaço. Os momentos da vida cotidiana dos trabalhadores, bem como as atividades que os definem, foram importantes nesta análise, que traz um novo olhar sobre a mobilidade do trabalho com base na produção e representação da vida, no cotidiano. Para isso, tomou-se como método o dialético e, como instrumento foi utilizado a pesquisa de campo, com: a aplicação de questionários a trabalhadores moradores da vila do Iguá; entrevistas a moradores mais antigos; e, produção de material iconográfico. Também foi realizada uma fundamentação teórica e revisões bibliográficas que foram base para análises qualitativas e quantitativas de dados. Assim, foi possível inferir que a mobilidade neste local é bem expressiva devido às carências de atividades e serviços. Na vila, os serviços prestados não atendem às necessidades básicas da população, impulsionando o deslocamento desta na busca por serviços. Isto implica também no crescimento lento da vila, já que em sua maioria, no que se referem ao consumo, os moradores o fazem na cidade de Vitória da Conquista. A inter-relação e os papéis exercidos pela estrutura urbana da vila permitem admitir que os desejos e as necessidades daqueles que produzem esse espaço conferiu-lhe peculiaridades, sentidos e funções diversas. Os habitantes de Iguá mantêm uma relação expressiva de pertencimento e desejam permanecer no local. Essa relação com o lugar se deve: à relação familiar, visto que a maioria nasceu na vila; à tranquilidade em comparação com a cidade; e ao acesso à habitação, visto que 86% das famílias possuem casa própria. Alguns permanecem ali por não possuírem condições econômicas de sair da localidade. A produção do espaço se dá pelas necessidades destes sujeitos de se (re)criarem para produção e reprodução da vida. A mobilidade do trabalho na vila do Iguá é percebida com base nas qualidades, intensidade e transformações nos ritmos da produção da vida através da dinâmica promovida pela necessidade de deslocamento, de cada indivíduo no espaço, como estratégia de sobrevivência, emoldurada pelas relações contraditórias da reprodução capitalista.

**PALAVRAS CHAVE:** Produção do espaço; Trabalhadores; Relações cotidianas; Vila do Iguá.  
**EIXO:** Produção e estruturação do espaço urbano.



## INTRODUÇÃO

A geografia, como ciência do espaço, permite-nos conhecer a razão de ser da sociedade, em sua (re) produção em seu movimento no espaço e, em suas diferentes organizações. O espaço geográfico possui um potencial explicativo da realidade, nos oferece uma gama de elementos para sua interpretação. O cotidiano é um desses elementos que nos dá a possibilidade de uma análise da especificidade da realização da sociedade para além do âmbito econômico, não negando a sua importância, mas incorporando outras perspectivas de análise, que melhor revela a sociedade em seu processo de (re) reprodução. Nesse se efetiva as experiências e as relações com o espaço e com a sociedade. Foi nessa perspectiva que esta pesquisa foi pensada, objetivando analisar com base nas relações dos trabalhadores a mobilidade do trabalho. Esse movimento, vital para o desenvolvimento da sociedade se apresenta no espaço geográfico de forma heterogênea, é parte da história da sobrevivência humana, da produção da vida e, a partir dele o espaço geográfico vai sendo (re) produzido. Apresenta-se aqui um novo olhar sobre a mobilidade do trabalho com base na produção e representação da vida, no cotidiano.

Foram analisadas, para o entendimento da questão central deste artigo, a estrutura e a dinâmica da vila, com o reconhecimento dos fixos e fluxos, os locais de trabalho dos moradores, sua dinâmica e seu cotidiano. Também foram desenvolvidas análises bibliográficas, com revisões de trabalhos que privilegiaram a abordagem do cotidiano. E, análises práticas, com o fito de trazer um novo olhar e caminho na análise da mobilidade e da produção do espaço. A pesquisa abarca os trabalhadores residentes no perímetro urbano do distrito e a dinâmica deste espaço com base na mobilidade da população, como um dos processos de realização do espaço. Uma das variáveis analisadas foi a estrutura urbana da vila. Associada a esta variante se considerou as relações em rede produzidas pelas necessidades de acesso à educação, saúde e mercadorias das famílias moradoras deste local. E, a abordagem do cotidiano, como a que melhor evidencia as relações sociais e a reprodução da sociedade, pois, é nele que o indivíduo pode ser apreendido no seu processo de individuação e socialização.



Utilizou-se, como fonte na realização da pesquisa, documentos encontrados no Arquivo Público Municipal, no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e na Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia– SEI. Também foram realizadas pesquisas de campo, com a aplicação de questionários, entrevistas e registros fotográficos. O exame da problemática em questão contou com uma pesquisa qualitativa que se utilizou como suporte as análises quantitativas. Adota-se, neste estudo, a análise dialética por entender essa como a melhor forma de apreender a realidade, explicar as relações socioespaciais e as contradições que existem nas mesmas. Buscou-se a apreensão do cotidiano dos trabalhadores no Iguá como uma forma de produção de conhecimentos com base numa realidade próxima, que são as vivências humanas.

## VILA DE IGUÁ EM VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA: ESTRUTURA E A DINÂMICA URBANA

A vila de Iguá é uma das mais antigas do município de Vitória da Conquista-BA. As primeiras moradias da localidade datam do século XIX. Contudo, a criação do distrito de Iguá e a instalação da sua vila são de 30 de novembro de 1938, instituídos pelo Decreto-lei Estadual n.º 11.089. Está localizado a oeste do município de Vitória da Conquista e a vila está a 16,7 km da cidade. Possui uma população de 3.851 habitantes segundo o Censo Demográfico de 2010 (IBGE). O distrito de Iguá é composto por nove povoados, entre eles estão: Bachão do Iguá, Lagoa do Boi, Lagoa Nova, Cachoeira, Lagoa Formosa, Juazeiro, Riacho Alegre, Furadinho e Campo Formoso.

No interior do município de Vitória da Conquista a maior parte da população dos distritos vive na zona rural, de acordo com o Censo Demográfico de 2010 (IBGE). O distrito do Iguá faz parte desta estatística, de modo que, num total de 3.851 habitantes apenas 824 (21,4%) moram na vila, enquanto 3.027 (78,6%) residem na zona rural, Tabela 1.

**Tabela 1-** População residente por sexo e situação do domicílio, Distrito de Iguá, município de Vitória da Conquista, Bahia, 2010.



Situação de domicílio	Total	Mulheres	Homens
<b>Total</b>	3.851	1.867	1.984
<b>Urbana</b>	824	419	405
<b>Rural</b>	3.027	1.448	1.579

Fonte: Censo Demográfico/ IBGE –2010.

A presença de características e de conteúdos rurais é bem marcante nesse espaço que, não é diferente da maioria das vilas no Brasil, que possuem uma vinculação forte com o campo, com as atividades agropecuárias e, com o conteúdo das relações dos espaços rurais. A pesquisa contemplou a área considerada pelo IBGE como perímetro urbano onde se concentra pessoas, serviços e atividades.

Na vila do Iguá, foram observados poucos equipamentos ligados à atividade comercial. Possui uma avenida principal que concentra as principais atividades urbanas da localidade e, onde se encontra a igreja católica que, como ocorreu na maioria das cidades antigas, está localizado no centro da vila, Figura 1.

**Figura 1:** Vista panorâmica do centro da vila do Iguá, município de Vitória da Conquista, Bahia, 2014.



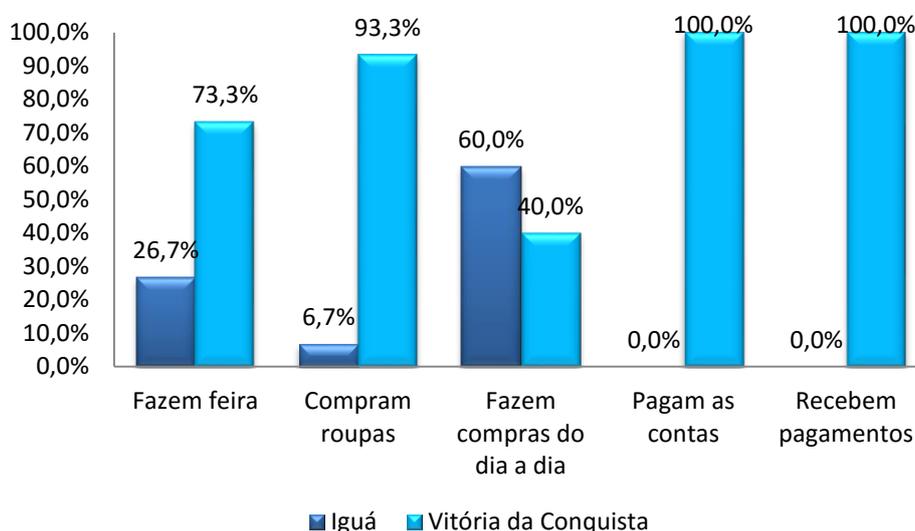
**Fonte:** Projeto - Vitória da Conquista: quero te conhecer. Trabalho de Campo das disciplinas Produção do Espaço Conquistense e Análise Ambiental Urbana, 2014.

Foto: Ana Emília de Quadros Ferraz



As atividades comerciais e de serviços são pouco expressivas, de modo que os entrevistados, em sua maioria, responderam que fazem suas feiras semanais, compram roupas, pagam contas e fazem recebimentos na cidade de Vitória da Conquista. Apenas compras pequenas de necessidade do dia-a-dia são feitas na vila do Iguá, (Gráfico 1).

**Gráfico 1** - Localização das atividades básicas realizadas pelos moradores da vila de Iguá, município de Vitória da Conquista, Bahia, 2014.



**Fonte de dados:** Projeto - Vitória da Conquista: quero te conhecer. Trabalho de Campo das disciplinas Produção do Espaço Conquistense e Análise Ambiental Urbana, 2014: Organização: Iara Silva Aguiar

Há poucos serviços públicos disponibilizados. No entanto, a vila conta com unidade de saúde, escolas (municipal e estadual), creche e um cartório, que existe há mais de 80 anos no local.

A vila dispõe de pouca infraestrutura principalmente no que se refere a saneamento básico. Não há esgotamento sanitário e em alguns casos esse é lançado a céu aberto. Apenas a área central e alguns pequenos trechos são pavimentados. Há uma carência com relação ao sistema de saúde, com falta de infraestrutura, falta de médico,



de modo que, 33,3% da população disseram estar insatisfeitos com o atendimento na unidade de saúde.

Apresenta ausências de equipamentos, também no âmbito da cultura e do lazer. Os habitantes costumam usufruir do lazer, dentro do que a localidade viabiliza no lugar de moradia ou em alguns casos se deslocam para outros lugares. São essas “formas através das quais o homem se apropria de seu mundo imediato que vai ganhando o significado dado pelo uso e suas possibilidades” (CARLOS, 2007, p. 44).

Os serviços prestados na vila não atendem às necessidades básicas da população. Esse fato impulsiona o deslocamento das pessoas na busca por serviços. Isso implica, também, no crescimento lento da vila já que, em sua maioria, no que se referem ao consumo, os moradores o fazem no município de Vitória da Conquista. As dificuldades encontradas pela população, em relação ao acesso aos serviços públicos ou privados, os fazem se deslocar para espaços mais dinâmicos, com melhores estruturas. Contudo, os habitantes de Iguá mantêm uma permanência e uma relação expressiva de pertencimento ao lugar, pois diante da constante mobilidade e das dificuldades apontadas por eles com relação à vila, 71% dos entrevistados se dizem gostar de morar na vila, 60% residem aí, há mais de vinte anos.

Essa relação com o lugar se deve, especialmente, a dimensão familiar, devido à maioria ter nascido na vila, à tranquilidade em comparação com a cidade grande ou média, e ao acesso à habitação, visto que 86% das famílias possuem casa própria. Alguns permanecem ali por não possuírem condições econômicas de sair da localidade.

As carências de infraestrutura e serviços fazem com que a dinâmica da vila do Iguá gire em torno da dependência com relação a Vitória da Conquista, seja pelas necessidades de serviços, trabalho e/ou lazer, seja pela proximidade e/ou facilidade de deslocamento. Contudo, apesar da intensa relação com o município, a vila do Iguá também possui sua própria dinâmica e ela se revela de várias formas: no cotidiano de seus moradores; nas necessidades diárias; nas relações de vizinhança; na criação de formas para se reproduzir; na concentração do pequeno comércio; no encontro entre amigos, vizinhos, familiares; na reunião dos moradores e outros aspectos. Estes são



elementos importantes que compõem a dinâmica da vida na vila. Deste modo, o lugar vai ganhando significado e dando significância às relações estabelecidas por seus habitantes.

A inter-relação e os papéis exercidos pela estrutura urbana da vila permitem admitir que os desejos e as necessidades daqueles que produzem este espaço lhe conferiu sentido e funções peculiares. Como apresentado por Santos (1997), as produções materiais têm uma função na realização da sociedade, de modo que num movimento histórico a sociedade apropria e delinea o espaço (re) produzindo-o material ou simbolicamente por meio das necessidades que a regem na (re) produção da vida.

A organização espacial se faz do arranjo de diferentes dimensões do cotidiano, nos âmbitos: social, político, econômico, cultural, religioso etc. E também pela ação dos agentes que atuam na estruturação urbana, na distribuição de recursos e serviços como: transporte, habitação, emprego, educação, saúde, lazer, saneamento básico, dentre outros. “[...] Cada forma sobre a paisagem é criada como resposta a certas necessidades ou funções do presente” (SANTOS, 1985, p. 54). Assim no processo de produção do espaço geográfico imprimem-se as marcas do movimento da sociedade, com base nas intencionalidades estampadas pelos seus atores, resultante da apropriação/desapropriação/(re)apropriação dos espaços. Justificadas pelas necessidades destes sujeitos de se (re) criarem para produção e reprodução da vida.

Assim o espaço vai sendo produzido de maneira ininterrupta no qual se imprime o movimento da sociedade, com base nas intencionalidades de seus atores, resultante da cotidianidade que produz o espaço.

## OS TRABALHADORES DA VILA DO IGUÁ E SUA RELAÇÃO COM A VILA

Os sentidos do lugar são desenhados pelo movimento cotidiano de seus habitantes, que na luta pela sobrevivência e reprodução da vida revelam seus desejos e aceções no uso e apropriação do espaço.



Segundo a pesquisa de campo os trabalhadores, residentes na vila do Iguá, são em sua maioria de origem do local, 41,4 % da zona urbana e 27,6% da zona rural. Os outros são provenientes de outros municípios (6,9%), outros distritos (6,9%), zona urbana de Vitória da Conquista (10,3%) e outros Estados (6,9%). Estes percentuais evidenciam o fato do ser humano de estar sempre em movimento pelo espaço, dadas às condições às quais eles são sujeitos, movidos pelas necessidades de habitar, trabalhar, entreter-se, entre outras, na busca pela sobrevivência.

Somando-se os trabalhadores provenientes do distrito, zona urbana e zona rural, tem-se o percentual de 69% dos trabalhadores com origem na localidade. A relação estabelecida entre os trabalhadores e a vila, foi um aspecto relevante, pois revelou a representatividade do lugar, determinado por muitos, como “razão de sua existência”, “base da vida”, expressa em suas falas, quando questionados sobre o que a vila representava para eles. De modo que, o sentimento de pertencimento, no qual a dimensão familiar se torna potencializadora dessas expressões, junto às amizades e a tranquilidade na vila, que também são bem evidentes. Segundo Carlos (2007):

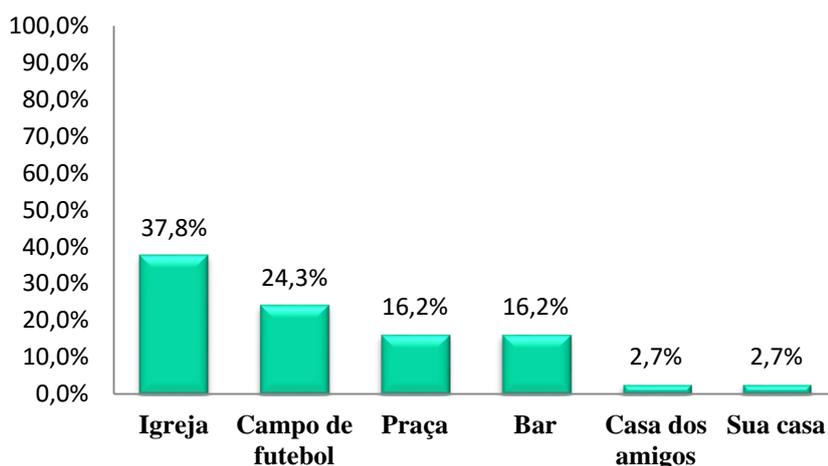
[...] a reprodução de relações sociais materializam-se em um espaço apropriado para este fim, e a vida, no plano do cotidiano do habitante, constitui-se no lugar produzido para esta finalidade e é nesta medida que o lugar da vida constitui uma identidade habitante-lugar. (CARLOS, 2007, p.41)

Essas relações dão sentido aos lugares por meio de sua assimilação e uso. As ações dos trabalhadores e as representações de suas ações formam seu cotidiano.

Os trabalhadores, ao serem indagados sobre quais os lugares que mais frequentavam na vila, relataram que os locais mais frequentados são: a igreja (37,8%), campo de futebol (24,3%), o bar e praça (16,2%), a casa dos amigos (2,7%) e, não costumam sair de casa (2,7%), como pode ser visualizado no Gráfico 2.



**Gráfico 2:** Lugares mais frequentados pelos trabalhadores na vila do Iguá, município de Vitória da Conquista, Bahia, 2015.



**Fonte de dados:** Trabalho de Campo, 2015 - Organização: Iara Silva Aguiar

Em cada lugar desses se estabeleceram relações e sentidos, marcados pela apropriação e uso dos mesmos. A relação estabelecida por cada sujeito é visível na defesa do lugar ou dos lugares por eles apropriados. Os entrevistados, quando questionados sobre o que mudariam na Vila, responderam em sua maioria, que melhorariam justamente os lugares mais frequentados por eles, além de outros que os ajudassem em seu bem-estar e permanência no local.

Segundo Carlos (2007):

Trata-se, portanto, de um espaço palpável - nesta condição específica é a extensão exterior, ou seja, o que é exterior a nós, no meio do qual nos deslocamos e agimos. Enfim, uma prática vivida e reconhecida em pequenos atos corriqueiros e, aparentemente, sem sentido, vulgares, mas que criam laços profundos de identidade entre habitante - habitante, e habitante - lugar. Deste modo não estamos nos referindo aos espaços infinitos, mas a espaços banais e reais como a rua, a praça, o bairro, espaços do vivido, que se revelam como os espaços-tempos da vida. (CARLOS, 2007, p.44)

É na troca de experiências que se cria um acervo da memória do lugar. Em conversa com moradores antigos, observou-se que eles trazem na memória experiências e reconhecem o lugar e o descrevem a partir dessas, que lhes foram passadas, pelos pais,



avós, bisavós e amigos de amigos. Trazendo e compartilhando em seu cotidiano as relações mais antigas. De modo que são dispostas no cotidiano as novas e antigas experiências e relações. As necessidades de reprodução da sociedade, geridas pelas relações mundiais, vão de encontro com a reprodução da vida. Aponta Carlos (2007):

A relação do homem com o mundo aponta para um duplo sentido: de um lado a produção da humanidade do homem, de outro, a reprodução ininterrupta do próprio mundo. Esse processo, que se desenvolve de modo contraditório, é apreendido no nível do imediato enquanto nível da realização do ser social que extrapola aquele do modo de produção e diz respeito à civilização de um modo geral. Nessa perspectiva, o cotidiano deve ser entendido na sua relação com a reprodução da vida em suas múltiplas dimensões o que acrescenta algo de novo na produção (do qual a produção do cotidiano é um exemplo). (CARLOS, 2007, p.54)

O cotidiano vai sendo (re) produzido pelas necessidades da produção da vida, em suas várias dimensões. E o lugar, vai sendo carregado de sentidos em meio as relações estabelecidas por cada sujeito em seu habitar, trabalhar e entreter-se, nas lutas pelo direito a esse espaço no qual se sentem pertencentes, onde sua história é construída dia a dia.

## O COTIDIANO DOS TRABALHADORES DA VILA DO IGUÁ: UMA ANÁLISE DA MOBILIDADE DO TRABALHO

É, nas necessidades, nos conflitos diários, nas trocas de experiência, na informalidade, que se concretiza a vida de cada indivíduo. São nas ações mais banais que cada pessoa se torna significante de seu lugar e sua existência ganha sentido. O lugar como base da reprodução da vida, ganha significado a partir dos usos e das intencionalidades de cada sujeito no seu labor cotidiano. Deste modo o espaço se realiza no momento da realização da vida humana, Carlos (2011). E, é no espaço e nas dimensões de sua realização, que o cotidiano ganha visibilidade. Nesse se efetiva as experiências e as relações com o espaço e com a sociedade.

O cotidiano aparece assim como elemento que nos dá a possibilidade de uma análise da especificidade da realização da sociedade para além do âmbito econômico,



não negando a sua importância, mas incorporando outras perspectivas de análise, que melhor revela a sociedade em seu processo de (re) reprodução, (CARLOS, 2007, p. 41).

O espaço geográfico é “um espaço percebido e sentido pelos homens em função tanto de seus sistemas de pensamento como de suas necessidades” (DOLLFUS, 1975, p. 52). O homem, ao se apropriar do espaço o transforma em um produto social e o faz através do trabalho. “[...] o trabalho, em todas as suas dimensões, é a base fundante do auto-desenvolvimento da vida material e espiritual [...]” (THOMAZ JUNIOR, 2002, p.11).

O trabalho aqui é analisado como dimensão da vida humana que exerce influência nas demais dimensões, como uma atividade que é inerente ao ser humano, não deixando de lado sua essência. “Nas relações trabalho/capital, além e apesar de o trabalho "subordinar-se" ao capital, ele é um elemento vivo, em permanente medição de forças, gerando conflitos e oposições” (SAMPAIO, 2013, P. 33). Como apresenta Thomaz Junior (2002, p. 04), o trabalho é compreendido como:

[...] expressão de uma relação metabólica entre o ser social e a natureza, sendo que nesse seu ir sendo ou em seu vir a ser está inscrita a intenção ontologicamente ligada ao processo de humanização do homem. A dupla linha de ação entre a ideação, a previsibilidade (a finalidade), enfim a teleologia (inexistente na natureza), e a materialidade fundante (causalidade), formam uma conexão interativa que solda a práxis ontológica do trabalho diante do agir societal. (THOMAZ JUNIOR, 2002, p. 04)

Para o autor o trabalho deve ser considerado em sua totalidade social, como um elemento fundamental na sociedade enquanto produtor de valores de uso na relação sociedade-natureza, de modo que o homem é produtor e produto do trabalho.

Seja ele concreto ou abstrato, o trabalho é vital para a reprodução social que, por sua vez se dá nas relações cotidianas. O trabalho é uma das dimensões do cotidiano, junto à familiar e ao lazer. Deste modo a vida cotidiana se preenche. Para Heller (1970) a vida cotidiana é isso:

[...] a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas



capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias [...] (HELLER, 1970, p.07)

É no cotidiano que o homem pode se superar e se reinventar, experimentando e refazendo esse espaço numa relação dialética, criando novas relações. Assim o cenário da vida do homem é montado e desmontado nas mobilidades da vida cotidiana.

O habitar, trabalhar, entreter e consumir faz parte dos momentos de reprodução da vida que, junto ao acesso aos equipamentos básicos como educação, saúde, infraestrutura, transporte, etc. vão definir a condição e o papel de cada indivíduo na produção do espaço. As mudanças nas condições de produção em todos os campos da vida social rebatem na reprodução do cotidiano.

Assim, a análise do cotidiano permite ler a mobilidade do trabalho com base das qualidades, intensidade e transformações nos ritmos da produção da vida a partir da dinâmica promovida pela necessidade de deslocamento de cada indivíduo no espaço. Deste modo, na tentativa de superar as limitações que a própria sociedade impõe, os trabalhadores da vila do Iguá se reinventam em seu cotidiano para garantir a sua reprodução, seja no lazer com a criação de alternativas como no caso desses o campo de futebol simples de terra, onde o encontro da população acontece, seja no trabalho, com trabalhos autônomos ou como no caso da mobilidade. Essa última é bem expressiva na vila, pois 58,6% dos entrevistados trabalham fora, mais especificamente na cidade de Vitória da Conquista.

Inseridos no novo contexto de reprodução do capital os trabalhadores não estão isentos da lógica deste sistema. Essa mobilidade é fruto desse padrão de acumulação onde o trabalho deixa de ser fixo e se torna móvel para atender as necessidades de reprodução do capital. A mobilidade do trabalho na lógica capitalista aparece como “[...] uma das formas de sujeitar a população a seus interesses. É neste sentido que, sob a égide capitalista, não só a questão do trabalho, mas também a social, a do lazer e a do consumo têm sido motivadas implícita ou explicitamente” Gizzo e Rocha, (2008; p.110). Assim o trabalhador é colocado em movimento e obrigado a vender sua força de



trabalho para sua sobrevivência e para a manutenção dos novos mecanismos econômicos, políticos e sociais.

A mobilidade do trabalho é determinante no processo de acumulação do capital. Deste modo a força de trabalho é apropriada para a acumulação e, se apresentando como produto das contradições deste sistema, que necessita da mobilidade para sua (re) produção e realização.

A mobilidade da população da vila do Igua é bem expressiva. Essa mobilidade dentre outras classificações é compreendida como pendular, um movimento diário com retorno à residência, que no caso tem como elemento motivador o trabalho e a busca por serviços.

Em Igua a situação dos trabalhadores não é diferente da realidade verificada no restante do país, pois, esses buscam no deslocamento, a procura de trabalho, uma forma de sobrevivência. O dia-a-dia desses trabalhadores reflete a sua condição no processo de reprodução da sociedade. Dos entrevistados 34,5% trabalhavam no campo e hoje 40% destes trabalham na cidade. 75% destes trabalham no setor de serviços e comércio em Vitória da Conquista e 25% na indústria.

Os que trabalham no distrito estão empregados no setor público e em trabalhos informais. Dentre as reclamações com relação ao atual trabalho estão: jornada de trabalho, salário e o deslocamento (devido às más condições das estradas), um reflexo da precarização e degradação do trabalho, condições essas impostas pela lógica capitalista. Dos trabalhadores entrevistados 31% são mulheres e, 77,8% dessas trabalham sem carteira assinada, trabalhando como empregadas domésticas (28,6%), serviços gerais (14,3%). Outras vivem a instabilidade dos contratos, como merendeira (28,6%), monitora escolar (28,6%). São esses trabalhadores, dependentes da venda de sua força de trabalho, que, com a falta de alternativa submetem-se a lógica capitalista.

Pôde-se observar com base no cotidiano desses trabalhadores uma desigualdade de gêneros, de modo que as mulheres possuem uma dupla jornada de trabalho, pois, quando perguntado para os trabalhadores o que eles faziam durante a semana, no momento que chegavam do trabalho até a hora de dormir, as mulheres (100%)



responderam que iam cuidar das atividades de casa, das crianças e se preparar para o dia seguinte, entre outras atividades. Enquanto que os homens (65%) vão descansar ou fazer algo no momento de descanso como assistir TV ou usar a internet. Outros saem para a igreja, alguns para conversar com amigos e outros frequentam bar. Contudo, há aqueles (35%) que, também possuem dupla jornada de trabalho: cuidam dos filhos e da casa; vão à roça; cuidam das plantas e animais; e, aqueles que “trazem o trabalho para casa”, como cuidar da higiene do carro que utiliza no trabalho. Um deles relatou que aproveita o tempo para produzir ou organizar as mercadorias a serem vendidas. Assim as vivências no tempo que seria livre ficam comprometidas. São reflexos de sua jornada de trabalho que, em muitos casos, se estende até o momento que seria de descanso do trabalhador.

A TV, um dos meios de comunicação mais difundidos no mundo, é bem presente na rotina diário dos trabalhadores. Ela aparece como um instrumento que contribui para auxiliar na formação e manutenção de comportamentos e modos de vida, servindo a classe dominante. Segundo Carlos (2003):

A TV faz parte da rotina das pessoas e é esta rotina que cria seu espaço, num processo que em parte mantém a ordem estabelecida e por outra parte se destrói na própria repetição, criando o novo, o moderno, e exigindo o desvendar das contradições que estão encobertas nas relações diárias que se manifestam de varias modos: na arquitetura, na cidade, nas imagens produzidas na e pela cidade. (CARLOS, 2003, p. 137)

Como exposto pela autora, a TV é um instrumento importante para a manutenção da ordem estabelecida. Ela busca difundir ideias, dita tendências e incentiva ao consumo. Assim, essa é uma das formas que lugares como a vila ganham “aparências” que as assemelham e as aproximam dos demais lugares do mundo, incorporando características não tradicionais. Complexificando o entendimento desses espaços e às vezes “encobertando” as especificidades de cada lugar.

Dos moradores que trabalham fora da localidade, 58,8% utilizam moto para ir ao trabalho, 29,4% vão de ônibus coletivo e 11,8% vão de ônibus da empresa. E a maioria desses, (41,2%) gastam em média trinta minutos em seu deslocamento até o trabalho.



No que diz respeito ao tempo de trabalho, com relação ao que trabalham fora da localidade, se observou que boa parte dos entrevistados se desloca para trabalhar em Vitória da Conquista há bastante tempo. Isto se deve a falta de emprego em Iguá, a proximidade com o município e também o desejo de permanecer na localidade. Há também uma grande parte deles que trabalham há menos de um ano. Estes vivem a instabilidade no trabalho, reflexo também da falta de qualificação seguidas de baixa qualidade da escolaridade, de modo que 41,2 % dos entrevistados cursaram o ensino médio completo.

O mundo do trabalho tem sofrido profundas transformações na qual a reestruturação capitalista, o capitalismo contemporâneo, tem acendido as desigualdades, a precarização do trabalho e das relações de trabalho, a terceirização, dentre outras, suprimindo os direitos trabalhistas. Os trabalhadores são subjugados aos ditames do capital, levando-os a compor o exército de reserva, expulsando-os de seus lugares de origem e submetendo-os a condições precárias de trabalho, acatando as exigências da flexibilidade desta nova face do sistema produtivo.

O mundo do trabalho e suas relações invadem a vida cotidiana de maneira que afana parte da vida do trabalhador, que vivem com a insegurança, a desvalorização do seu trabalho, a instabilidade e com seus direitos negados. São nos poucos momentos que lhes são dados em seu cotidiano, que esses trabalhadores adquirem “consciência” de seu ser e buscam reinventar-se para se reproduzir, recriando formas de viver e laborar. É onde o homem se revela como produtor de sua história.

“São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação” (HELLER, 1970, p.18). O cotidiano é heterogêneo e sua dinâmica se dá pelas necessidades diárias de cada sujeito. Deste modo, o trabalhador, assim como a atividade que o define como tal, são importantes na análise do cotidiano, pois, esse sujeito participa de todos os momentos da vida cotidiana. A dinâmica e a construção do cotidiano revelam o movimento dos trabalhadores no espaço, já que é nessa dimensão que esse sujeito se revela por inteiro. Nas suas representações cotidianas estão expressos



os desejos, conflitos e necessidades desses frente a necessidade de (re) produção da vida e da sociedade. Para Santos (1997):

Não há produção que não seja produção do espaço, não há produção do espaço que se dê sem o trabalho. Viver, para o homem, é produzir espaço. Como o homem não vive sem trabalho, o processo de vida é um processo de criação do espaço geográfico. A forma de vida do homem é o processo de criação do espaço (SANTOS, 1997, p. 88).

Assim o espaço das vivências humanas é produzido, a partir das relações do homem e seu ambiente, do homem com o homem, por meio do trabalho, motivados pelas necessidades de garantia de sua existência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a mobilidade do trabalho, faz parte da vida cotidiana dos trabalhadores na vila do Iguá, e se apresta como estratégia de sobrevivência. Essa mobilidade, assim como outras como as motivadas pela falta de serviços e equipamentos básicos, tem afanado parte da vida desses trabalhadores/moradores da vila, que convivem com as dificuldades promovidas pela falta de acesso, com a insegurança, a desvalorização do seu trabalho, a instabilidade, tendo seus direitos negados. Em seu cotidiano esses trabalhadores adquirem “consciência” de seu ser e buscam reinventar-se para se reproduzir, recriando formas de viver e laborar. Assim, estes se revelam como produtores de sua história. Nas lutas, nas necessidades e vivências diárias os moradores produzem elementos importantes que compõem a dinâmica da vida.

A dinâmica constitutiva do espaço geográfico se faz presente na vila e no cotidiano de seus habitantes. Os trabalhadores moradores da vila revelaram nas necessidades de (re) produção da vida, as lutas pela sobrevivência, pela permanência e para se manterem e reproduzirem enquanto homens e trabalhadores, constituindo o espaço e sendo constituídos por ele.

Assim, a análise do cotidiano permite ler a mobilidade do trabalho com base nas qualidades, intensidades e transformações nos ritmos da produção da vida a partir da



dinâmica promovida pela necessidade de deslocamento de cada indivíduo no espaço. Ao produzir meios para dar seguimento à vida, em seu agir, produzem o espaço geográfico.

#### REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARLOS, Ana Fani. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: <[http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O\\_lugar\\_no\\_do\\_mundo.pdf](http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf)>.

CARLOS, Ana Fani. **O espaço urbano. Novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: [http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/Espaco\\_urbano.pdf](http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/Espaco_urbano.pdf)>.

CARLOS, Ana Fani (Org.). **A geografia da sala de aula**. 5ª ed. – São Paulo, 2003.

DOLLFUS, Oliver. **O espaço geográfico**. Coleção “saber atual”; 2ª Ed. São Paulo: Difel, 1975.

GIZZO, M. R.; ROCHA, M. M. Contextualização dos estudos de mobilidade nas ciências humanas. In. **Espaço plural** (Unioeste), v. 01, p. 101-110, 2008.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 6ª ed. - São Paulo: Paz e Terra, 1970. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/116669587/O-Cotidiano-e-a-Historia-pdf#scribd>>

ROCHA, A. A. & FERRAZ, A. E. Q. **Atlas Geográfico de Vitória da Conquista**. Vitória da Conquista, 2015.

SAMPAIO, Andrecksia Viana Oliveira. **Mobilidade do trabalho e produção do espaço regional de Vitória da Conquista – Bahia**. Tese de Doutorado apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Geografia (NPGeo) da Universidade Federal de Sergipe(UFS); São Cristóvão – Sergipe, 2013.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 5ª Ed, São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª ed. 4. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2008.

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade** (ensaios). Petrópolis: Vozes, 1979.



THOMAZ JÚNIOR, A. Por uma Geografia do Trabalho. IV **Colóquio Internacional de Geocrítica**, Barcelona, 2002b. Disponível em: <[www.ub.es/geocrit/c4-athoj.htm](http://www.ub.es/geocrit/c4-athoj.htm)> acesso em 18/12/14.

TRINDADE, G. A. Globalização, redes e relação mundo-lugar: insistindo em um debate ainda não esgotado na geografia. **Revista Geonordeste**. Sergipe: UFS, n. 2, 2009.

**Taberna da História do Sertão Baiano**. Disponível em: <<http://tabernadahistoriavc.com.br/>> Acesso em: 29/09/2015